



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Keise dos Santos da Silva  
Ynglid da Silva Góes

**RETRATOS DA VIOLÊNCIA E DA ANCESTRALIDADE EM *FLOR DE GUME* DE MONIQUE MALCHER: UMA BREVE INTRODUÇÃO**

São Caetano de Odivelas – PA

2024

Keise dos Santos da Silva  
Ynglid da Silva Góes

**RETRATOS DA VIOLÊNCIA E DA ANCESTRALIDADE EM *FLOR DE GUME* DE MONIQUE MALCHER: UMA BREVE INTRODUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito básico para a conclusão de curso de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Rodrigues Bastos.

São Caetano de Odivelas – PA

2024

## RETRATOS DA VIOLÊNCIA E DA ANCESTRALIDADE EM *FLOR DE GUME* DE MONIQUE MALCHER: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Keise dos Santos da Silva<sup>1</sup>

Ynglid da Silva Góes<sup>2</sup>

**RESUMO.** O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar a violência e ancestralidade presentes na obra *Flor de Gume* de Monique Malcher (2020). Essa autora, natural de Santarém-PA, aborda sua vivência em um universo amazônico em que são mostrados elementos relacionados aos rios, floresta e cidades nessa parte norte do Brasil. O foco maior desta pesquisa é contextualizar como a autora mostra a questão da violência contra a mulher a partir da figura masculina, violência doméstica, entre outras, além do elemento ancestral, muito comum na Amazônia vindo dos povos originários. O estudo recorre ao pensamento de Pierre Bourdieu em sua obra *A Dominação Masculina* para abordar a temática da violência simbólica, o machismo e o patriarcado. Conceitos como sororidade e dororidade são destacados nas obras de Hooks (2018) e Piedade (2017). Sobre a ancestralidade, recorreremos aos conceitos e caracterização nos trabalhos de Eduardo Oliveira (2001) em seu estudo *Filosofia da Ancestralidade* e Marla Bispo Santos e Paulo Roberto (2022). De maneira geral, a obra supracitada de Malcher (2020) se apresenta como um escrito decolonial, apresentada por uma mulher afro-indígena que narra vivências de um contexto envolvendo a cultura patriarcal e dos marginalizados. Para analisarmos esse contexto recorreremos ao pensamento de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009).

**Palavras-Chaves:** Monique Malcher, ancestralidade, violência contra mulher, Flor de Gume.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Castanhal – Núcleo São Caetano de Odívelas.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Castanhal – Núcleo São Caetano de Odívelas.

## INTRODUÇÃO

O livro *Flor de Gume* de Monique Malcher traz histórias fortemente relacionadas à vida ribeirinha da Amazônia paraense, onde é narrada e descrita a vivência nos rios e floresta amazônicos, bem como o meio urbano nesse interim.

Malcher divide sua obra em 37 contos reorganizados em 3 partes, em que a autora, natural de Santarém no oeste do Pará, demonstra uma sensibilidade de sua vivência durante a infância e adolescência ficcionalizada através de alguns personagens, ao mesmo tempo que dá voz a outras mulheres as quais teve acesso para a criação do seu livro.

A autora ficcionaliza o eu-autoral (seu alter ego) a partir dos personagens, instigando diversas reflexões sobre as vidas e lutas das mulheres desde a infância até os últimos anos de vida.

Em seu livro, Malcher (2020) não só apresenta esse universo amazônico, mas fala sobre dores e sentimentos fortes, como raiva, amor, tristeza e ódio. Tudo isso engendrado na violência que a personagem sofre a partir da figura de seu pai e por ser mulher.

Além disso, a obra (com a autora e outras personagens) traz uma abordagem sobre as descobertas a respeito do mundo em que vivem, com muitos aprendizados e experiências com trocas entre as mulheres mais velhas (mães, avós), por isso a importância que a autora demonstra com a ancestralidade, vivenciada por meio das trocas de experiências e conhecimentos.

O objetivo deste trabalho é analisar esses dois elementos incutidos na obra: violência e ancestralidade. Isso nos guiará pelos contos dessa autora que apresenta vários temas recorrentes em suas narrativas. Porém, nosso recorte se debruça nas diversas manifestações de violência descritas nos contos. Para isso, recorreremos ao pensamento de Bourdieu (2002) que enfatiza a dominação masculina e de Piedade (2017) que mostra a sororidade e a dororidade enquanto dor no feminino proveniente do machismo. Já a autora Hooks (2018) enfatiza o movimento feminista em sua diversidade desde o início do seu percurso até os dias atuais, como ênfase na realidade da mulher negra na contemporaneidade.

A respeito da ancestralidade, nos basearemos em Eduardo Oliveira (2001) e sua obra: *Epistemologia da Ancestralidade* e a autora Marla Bispo Santos e Paulo Roberto (2022).

De maneira geral, analisaremos *Flor de Gume* como um escrito decolonial em que uma autora afro-indígena, narra a dor e a resistência de sujeitos das margens. Para isso, buscamos dialogar com a metodologia decolonial na qual alguns autores procuram dar voz a história dos povos oprimidos, ocultados e vilipendiados na construção de uma história oficializada, principalmente na Amazônia colonial. Para isso, recorreremos ao pensamento de Oliveira (2001) e Boaventura dos Santos e Meneses (2009).

Dividimos o artigo em 3 seções, além da introdução e das considerações finais. Este trabalho de pesquisa traz na primeira delas as “características decoloniais na narrativa de Monique Malcher. Na segunda seção, são abordadas “As marcas da violência em Flor de Gume”. E por fim, na terceira seção é mostrado como se representa a “Ancestralidade em Flor de Gume”.

A autora narra em primeira pessoa e dá voz ao feminino nas narrativas contida nesta obra. *Flor de Gume* aborda singularidades profundas que desembocam em um panorama macro e coletivo, reunindo histórias de mulheres e temas delicados, como violência doméstica física e abuso sexual, alienação parental, além dos saberes ancestrais dos mais velhos que ajudam a manter viva a cultura dos povos dos rios e das florestas.

## **1. Características Decoloniais na Narrativa de Monique Malcher.**

A respeito do Pensamento dominante e abissal (Sousa Santos; Meneses, 2009) que passou a predominar no mundo a partir da mundialização do capitalismo no século XV, temos uma epistemologia que vai definir a forma de produzir conhecimento em várias partes do mundo. Isso se intensifica com o colonialismo em que as Metrôpoles europeias dividem a América e impõem sua exploração sobre os recursos naturais e seus habitantes milenares.

Sousa Santos e Menezes (2009) enfatizam que o capitalismo não apenas organiza a produção, e depois o sistema financeiro, mas também a forma de pensar sobre o que é o racional e irracional, o moderno e o tradicional, bem como o que é o pensamento útil e o que é inútil. Para que o pensamento predominante se intensifique, é necessário tornar invisível aquilo que não é útil,

como enfatiza o autor.

Para entendermos a decolonialidade, temos que partir daquilo que ficou enraizado pelo pensamento eurocêntrico como “civilizado” e invisibilizou o conhecimento dos povos que foram subalternizados.

Souza Santos e Meneses (2009) explicam que isso se deu no sul do planeta Terra, onde se encontra a maioria dos países subdesenvolvidos, ex-colônias de exploração (com exceção da Nova Zelândia e Austrália). As epistemologias do Sul (pensamento e formas de conhecimento dos povos e lugares que foram colonizados) tiveram que dar lugar a uma epistemologia dominante da Europa Ocidental que impôs uma forma eurocêntrica de produzir conhecimentos.

Sousa Santos e Meneses (2009) propõe uma ecologia dos saberes relacionados as experiências e conhecimentos dos povos que foram vilipendiados pelo colonialismo capitalista. Essa ecologia dos saberes dialogaria com os saberes ancestrais e entre as culturas, nesse sentido, a epistemologia que predominou como dominante, seria apenas mais uma cultura e não a hegemônica.

Como afirma Quijano (2009 apud Sousa Santos e Meneses), a decolonialidade seria uma resistência ao modelo colonial da produção comercial, política e cultural que se estabeleceu ao sul. Embora o colonialismo, no molde mercantilista, tenha diminuído no mundo, a colonialidade ainda prevalece entre as relações sociais e estruturais dentro dos Estados-Nações. O autor enfatiza as vertigens do pensamento colonial ainda no Sul, onde a colonialidade se faz presente.

Porém, é válido ressaltar que a decolonialidade surge como contraponto a esse modelo que predominou e que se denominou como modernidade. Essa re-existência vai de encontro com o pensamento único. Por isso a existência de muitas obras que estão dando vozes a sujeitos e saberes que foram invisibilizados por muito tempo.

A obra de Malcher (2020) é mais uma dessas que dialoga com o pensamento decolonial ao narrar sobre um ambiente que foi colonizado pelos europeus no Brasil-Colônia. A Amazônia, ainda hoje, possui resquícios do modelo colonial. Nesta região, ao Norte do Brasil, predomina uma população ancestral dos povos indígenas com seus saberes ancestrais milenares. Esses

conhecimentos estão relacionados com a presença dos rios e da grande floresta amazônica.

Além disso, a autora tem um forte laço com esses elementos descritos aqui e possui uma ancestralidade afro-indígena, uma vez que os negros vindos da África, escravizados, tiveram uma presença marcante nos engenhos de cana de açúcar na Amazônia brasileira, embora não tivessem a mesma intensidade como no Nordeste do país.

Como afirma Salles (1971) os portugueses procuraram, primeiramente, escravizar os indígenas, mas viram que era mais dispendioso o controle sobre esses povos, por serem hostis para o trabalho forçado. Por isso optaram pela escravização do continente africano.

Nessa trajetória, povos indígenas do Brasil pré-colombiano e da África se misturaram com seus saberes, hábitos e cultura. Dessa miscigenação se constitui o povo brasileiro, juntamente com o conhecimento e biotipos do colonizador europeu.

Na Amazônia é comum termos na população da região os traços desses três povos (indígenas, negros africanos, branco colonizador europeu). Além do biótipo, há os saberes relacionados a culinária e agricultura desses povos, a medicina natural relacionada a manipulação de ervas e plantas, além da religiosidade ligada às entidades dos rios e das matas.

Esse mote se apresentou por muito tempo como algo que deveria ser excluído pelo pensamento predominante do colonialismo, mas que atualmente vem ganhando força com sua visibilização construída por movimentos sociais, pelas pesquisas com outras leituras sobre um mundo heterogêneo e diverso.

Nesse sentido, *Flor de Gume* se enquadra como uma narrativa decolonial que as vozes de mulheres ribeirinhas, das águas e das florestas, ecoam como um grito de protesto e resistência contra um pensamento em que predominou o machismo e as mais variadas formas de violência. Malcher (2020) trata de visibilizar e problematizar em sua obra como as mulheres de sua cultura no Norte do Brasil, eram e continuam sendo, em grande parte, demarcadas pela presença masculina. A autora mostra a força da ancestralidade de sua mãe e avó, além das dores que as mesmas carregam por serem mulheres.

## 2. Marcas da violência nos contos

Os contos em *Flor de Gume* estão eivados de uma violência relacionada as vivências de mulheres que, historicamente, foram vítimas de um modelo machista de sociedade. Esse modelo segue há muito tempo uma ideologia marcada pela tradição judaico-cristã que colonizou o novo mundo e está interligada ao colonialismo europeu capitalista que tratamos na seção anterior.

Malcher (2020) mostra e narra em seus contos, histórias de abusos sexuais, alienação parental e a própria violência física contra si, sua mãe e sua avó.

A autora enfatiza o universo feminino subalternizado em um lugar na Amazônia, entre rios e florestas, onde as relações sociais patriarcais não são diferentes de outros lugares ou centros urbanos no Brasil.

Além de sua visão do mundo amazônico em Santarém, em que autora descreve a sua vivência, ela dialoga com outras histórias de mulheres que passaram por contextos semelhantes.

São mulheres que cresceram em um sistema patriarcal, mas conseguiram estabelecer uma maneira de resistir à estrutura social e repassar para as suas sucessoras uma educação que as fizessem compreender a sua subjetividade feminina. “É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos (Cixous, 1975, p. 35).

Para entendermos essa subalternidade do ser feminino Piedade (2017) enfatiza o conceito de dororidade onde a autora explica que:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres pretas, tem um agravo nessa dor. A pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados [...] (Piedade, 2017, p. 17).

Essa autora, que milita no movimento antirracista, mostra que a dor provocada pelo machismo é maior quando se tratam de mulheres pretas.

O conceito de dororidade está centrado na dor que a mulher carrega em uma sociedade machista e patriarcal.

A autora dialoga com o conceito de sororidade que estaria fazendo alusão a “Irmãs” no universo de mulheres com o mesmo interesse em comum,

como numa irmandade. Esse conceito de sororidade surge no início do movimento feminista (Hooks, 2018). Entretanto, Piedade (2019) prefere afirmar que a dororidade une mais as mulheres que são vítimas da violência moral, sexual e psicológica, senão física contra o sexo feminino.

A respeito da sororidade, Hooks (2018, p. 31) destaca que:

Um grande número de mulheres simplesmente abandonou a noção de sororidade. Mulheres individuais que já haviam criticado e desafiado o patriarcado se realinharam com homens sexistas. Mulheres radicais que se sentiram traídas pela feroz competição negativa entre mulheres muitas vezes apenas recuaram. E, nesse ponto, o movimento feminista, que tinha como foco transformar positivamente a vida de todas as mulheres, ficou ainda mais estratificado” (Hooks, 2018, p. 31).

A violência que está presente nos contos de flor de gume se encaixa na concepção de domínio masculino, no qual o homem, ao longo do tempo, veio exercendo contra as mulheres sempre “presas em constante autocontrole sobre o que fazer, o que pensar, no que é adequado ou não para mulheres” (Alves, 2023, p. 10).

O mesmo autor, ao analisar a constituição da subjetividade feminina no processo de valorização das mulheres, afirma que o movimento feminista, como “uma expressão do pensamento da mulher [...] está presente na constituição da subjetividade feminina” (Alves, 2023, p. 10). Essa subjetividade é confrontada por parâmetros estabelecidos pelo masculino, sobre aquilo que é concebido como “feminilidade”. A subjetividade feminina como resistência ao patriarcado está presente nas narrativas que compõem o livro *Flor de Gume*.

O ser feminino, historicamente e culturalmente, estabeleceu-se como inferior ao masculino, conforme nos mostra Piedade (2019), ao destacar que segundo os escritos bíblicos, a primeira mulher, Eva foi feita para o primeiro homem, Adão. Nesse sentido, segundo essa tradição, a mulher deveria ser submissa ao homem.

Rodrigues (1979), ao falar sobre o “Tabu do corpo”, explica que:

Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que, ao mesmo tempo, não estão subordinados diretamente ao corpo. O mundo das representações se adiciona, sem provir diretamente dele (Rodrigues, 1979, p. 46).

O movimento feminista na atualidade, com as suas variadas vertentes,

vem combatendo essas ideologias machistas ao proporem direitos iguais, políticos, empregatícios, entre outros, para mulheres não só com relação ao seu papel na sociedade, mas na forma como devem se comportar e atuar sobre os seus corpos.

Segundo Hooks (2018), o movimento feminista negro e interseccional da contemporaneidade, enfatizam o combate ao sexismo. A respeito da dominação patriarcal a autora pondera que:

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas” (Hooks, 2018, p.23).

Bourdieu (2002), a respeito da dominação masculina, nos mostra a trajetória de como o masculino assumiu um papel fundamental na supressão do feminino no seio das sociedades. O autor analisa, através da história, que o masculino com sua força física e biológica, impôs um determinismo biológico, que, simbolicamente, conseguiu inferiorizar o feminino. Isso fez com que o corpo da mulher passasse a se inferiorizar perante o corpo masculino. Nesse sentido, a mulher, ideologicamente, assumiu um papel que passou a ser naturalizado.

Para esse autor: “a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável” (Bourdieu, 2002, p. 08). A própria mulher reproduz o machismo, em diversas culturas e sociedades, ao naturalizar o seu papel e função enquanto mulher. Mas há aquelas que irão confrontar essas leis estabelecidas.

Esse confronto é demonstrado em *Flor de Gume* em alguns contos quando Malcher (2020) narra mecanismos de resistências que não assumem o mesmo caráter que o pai impunha para as mulheres da família ao demonstrar que “sinto muito que só agora sinto que viver é uma boa maneira de me vingar do vazio” (Malcher, 2020, p. 102). Na narrativa de uma das personagens, é demonstrada a violência simbólica contra o feminino, ao vivenciar a violência psicológica:

Estou exausta de me sentir louca, de ficar paranóica de que sou muito importante e desmerecida ao mesmo tempo. O pior de tudo é que eu não tenho ego que encaixe com tal comportamento. Sou insatisfeita com a minha existência, mas ao repetir que me sinto bem comigo

mesma, fui acreditando nesta farsa e às vezes confundo. Será que esse negócio de me amar é mesmo uma coisa que sinto? (Malcher, 2020, p.69).

A violência psicológica e moral contra a mulher gera outros desdobramentos paranoicos, como no trecho acima, ao duvidar da satisfação da existência. Em outros momentos e contextos, há uma violência física com objetos: “Meu corpo conhecia todo tipo de dor com objetos diferentes. Sandália, livro, prato, folha, galho, cadeira, controle de TV e quase sempre chute com soco” (Malcher, 2020, p.45).

A dor aparece nas palavras, não o bastante para comensurarmos, entretanto a dor não se mede (Piedade, 2019). A dor que essas mulheres sentem faz parte do que Piedade (2019) conceitua sobre dororidade, uma dor de todas as mulheres que lutam contra essas violências do masculino contra o feminino.

No conto “As palavras por debaixo da porta” está transfigurada a violência física aliada à alienação parental. Nele, o pai demonstra sua força física e psicológica. A autora descreve:

Não era tragédia, era crime. Todos os dias não sabia o que fazer comigo mesma, procurava formas diversas de me tornar a Silvia surda, porque doía imaginar o que os gritos eram. Tinham imagem, rosto. O sofrimento não é desastre natural, ele é arquitetado por quem tem poder (Malcher, 2020, p. 39).

Na cena, a autora narra o pai praticando um ato violento contra a mãe. Uma criança olha a cena e escuta o insulto do pai. A mãe sofre calada. “Ela tá desequilibrada, vai passar, volta pro quarto, filha – falou rindo e com calma” (o pai) (Malcher, 2020, p. 39).

A vivência da cena de violência, analisada pela ótica da criança, que ao ver, passa a ter um entendimento proveniente do opressor: “Ouvia aquele grito de raiva e choro, aceitava meu medo, e fingia acreditar que era isso mesmo, ela estava enlouquecendo enquanto mordida a mão dele” (Malcher, 2020, p. 39).

Nesse conto, é marcante não apenas a violência física, conforme descrito acima, mas também a psicológica por meio da alienação parental em que o pai desqualifica a mãe perante a filha: “As mulheres da família da tua mãe são todas loucas ou morreram de retardo, aquela tua tia que tu ama toma cartelas e

cartelas de remédio. Tua mãe não tem a mínima condição de cuidar de ti, pra começar ela, nunca te quis” (Malcher, 2020, p. 39).

Bourdieu (2002, p. 09) enfatiza que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

O controle do corpo da mulher feito pelo masculino é evidenciado na cultura judaico-cristã que colonizou a América. Esse controle corporal feminino também está legitimado nas leis dos Estados-Nações quando regulamentam e legitimam o ato de abortar um feto, em geração, ainda dentro da mãe. A mulher não possui a liberdade plena, e em muitos casos esse ato de abortar é considerado crime ou pecado dentro de algumas religiões, pois “O direito das mulheres de escolher se querem ou não fazer aborto é apenas um aspecto da liberdade reprodutiva” (Hooks, 2018, p. 43).

Sobre as regras impostas ao corpo da mulher, Malcher (2020) descreve:

O corpo que eu gostaria de dizer que é meu e que deve se submeter às minhas regras, nunca foi meu de verdade, e foi usado tantas vezes, mesmo sendo sempre difícil para os meus sofrimentos e castigadores deterem minha força. Eu pedi por muita coisa, mas às vezes pedir não funciona para uma mulher (Malcher, 2020, p.80).

Nesse sentido, a autora aborda o tema da violência contra a mulher tanto no sentido físico, como psicológico, envolvendo a moral, a ética dentro dos moldes do patriarcado. Essa violência é apresentada de forma explícita e implícita por Malcher (2020) e representa apenas um dos elementos temáticos envolvidos na obra.

### **3. Ancestralidade em “Flor de Gume”**

Analisamos aqui como a ancestralidade, enquanto concepção de mundo pode nos remeter a força das tradições, dos saberes repassados pelos mais velhos e como os conhecimentos engendrados em hábitos, costumes, rituais simbólicos e religiosidade pode fazer parte do cotidiano de pessoas e lugares.

Em se tratando de Amazônia, o poder da ancestralidade é bastante evidente com a presença marcante do elemento indígena, como povo originário da América do Sul, e depois do negro africano vindo para as Américas através da diáspora intercontinental.

A ancestralidade é nosso conceito chave contido nos objetivos e título deste estudo, pois Malcher (2020) narra em seus contos o poder das mulheres mais velhas, referenciadas por sua mãe e avós.

Para fundamentar nossa análise sobre ancestralidade, dialogamos com os estudos de Oliveira (2012) que aborda questões sobre a filosofia da ancestralidade e afirma que a mesma:

Está na encruzilhada do pensamento contemporâneo. No âmbito dos estudos pós-coloniais ela dialoga com o pensamento negro-africano (antropologia, filosofia e literatura), com a filosofia latino-americana da libertação e com o pensamento social negro no Brasil. É influenciada também pela filosofia intercultural (Oliveira, 2012, p.28)

Esse autor põe ênfase a uma ancestralidade de cunho afro-brasileira em que os saberes trazidos pelos povos da África, contribuíram para a formação do povo brasileiro, embora tenham sido invisibilizados pelo colonialismo.

Ancestralidade para Oliveira (2012) se apresenta como um conceito complexo, com várias partes que devem formar um todo e não ser analisadas separadamente. Vai além “de relações consanguíneas ou de parentesco simbólico”. A ancestralidade, aqui, é uma categoria analítica que contribuiu para a produção de sentidos e para a experiência ética” (Oliveira, 2012, p. 30). Nesse caso, a experiência adquirida no decorrer do tempo pelos sujeitos, contribui com um saber-fazer que vai sendo repassado entre as gerações.

Santos e Bispo (2022) nos explica que a ancestralidade nos conduz a vários caminhos, pois “ela” nos fala sobre memória, espiritualidade, reverência aos mais velhos, oralidade, questões biológicas e herança genética, mas que, de maneira isolada, não dão conta do todo (Santos e Bispo, 2022, p. 56).

Nos contos de *Flor de Gume* surgem os saberes repassados da avó para mãe da narradora. O próprio ambiente amazônico em que ocorrem as histórias, dá conta de um saber ancestral em que os sujeitos estão vinculados ao saber ribeirinho e os saberes das matas. Aí aparecem os barcos que viajam sobre as águas, o poder da natureza e suas encantarias.

O espaço amazônico, com a presença marcante dos rios, nos remete a várias histórias sobre seus ciclos, seus encantados e sua força natural e sobrenatural.

Conforme narra Malcher (2020, p. 14) “entrava no barco como se entrasse na vida das histórias das mulheres da minha família. Mergulhava fundo na

encantaria. As embarcações eram lugar estranho e ao mesmo tempo meu território”. O rio se apresenta como rua na Amazônia, por onde passam pessoas e mercadorias em embarcações.

A presença de histórias de seres encantados do fundo dos rios nos remete as lendas indígenas como da cobra grande, de Iaras (versões amazônicas da sereia europeia) e de outros seres híbrido, monstros que fazem parte de um imaginário da região. Tudo isso faz parte de um mote sobre ancestralidade que faz parte da construção dessa região ao norte do Brasil que aparece como o ambiente dos contos de Malcher (2020).

A autora descreve sua ancestralidade vinculada a região amazônica na região de Santarém-PA. Entre as várias idas do interior para a cidade grande, Malcher (2020) descreve a experiência das mulheres mais velhas de sua família, assim como as histórias de outras mulheres relacionadas a ancestralidade afro-brasileiras próximas da religiosidade de matriz africana.

É no conto “Erva-doce Nas Mãos Para os Dias Sem Você” que essa ancestralidade é posta como uma perda. A autora narra a dor de caminhar sozinha sem a presença da avó, representada como a perda de um pedaço de seu corpo.

A avó é uma mulher de gerações anteriores que lhe repassava, através da oralidade, e do convívio, um pouco do universo amazônico e do papel da mulher na sociedade com seus ensinamentos e “misticidades”. A avó deixou para trás feridas abertas que não são possíveis de curar.

O conto narra: “Seu toque nos meus cabelos, agora o aroma é canela. Você morreu em outubro, no mês do seu aniversário. “Quero festa quando morrer e volto pra puxar o pé”, falava. “Acho que foi o coração que foi contigo num puxão só” (Malcher, 2020, p. 75).

Dessa perda ficam as lembranças e também os muitos ensinamentos repassados da avó para a neta. No conto é mostrado que a avó pintava quadros e a neta a ajudava, lavando os pincéis. Dessa profissão, a neta absorve o aprendizado estimulado pela avó. São imagens sobre o espaço amazônico em que o rio, a floresta com seus encantamentos surge em algumas pinceladas.

Muito dessa ancestralidade está relacionada ao sincretismo religioso que ocorreu no Brasil a partir do encontro dos três elementos raciais e étnicos (índio – negro e branco).

No Brasil existe um híbrido cultural que na Amazônia brasileira é muito comum: o afro-indígena. A própria denominação de “pajé” para os pais de santos ou babalorixás, são exemplos disso, pois “pajé” é a denominação indígena para o curandeiro.

Como conclui Santos e Bispo (2022):

Assim, a ideia de ancestralidade diz respeito ao todo de uma pessoa: a consanguinidade, os valores culturais, os princípios morais, a forma de organização, a percepção do mundo, os costumes, a religiosidade, portanto a história das vidas é um dos seus componentes. Somos, em verdade, o resultado dos nossos antepassados, daqueles que contribuíram para a construção da nossa identidade. Somos o que somos, porque outros foram antes de nós, quer dizer, a junção das partes que formam o nosso todo (Santos e Bispo, 2022, p. 57).

Dessa ancestralidade Malcher (2020) irá percorrer ao longo de suas memórias tecidas nos contos, buscando elaborar sua existência ribeirinha da Amazônia. Embora a autora não estivesse pensado, diretamente em ancestralidade quando escreveu o livro, a mesma se dedicou em demonstrar mais os conflitos geracionais: como mulheres de diferentes gerações não conversam por conta de uma criação machista e patriarcal que as coloca em silêncio e/ou em oposição em relações sociais.

Nesse caso a ancestralidade recai na transmissão de conhecimento das mais velhas para as gerações atuais, e não apenas o saber fazer, mas o saber agir em sociedade, resistindo, driblando e equilibrando um modelo de sociedade sustentado pelo patriarcalismo, onde predomina o poder masculino.

Retomando o pensamento de Cixous (1975) a respeito da escrita na história e na nossa sociedade, a autora afirma que predominou a presença do falo, pois “quase toda a história da escrita se confunde à história da razão, da qual ela é ao mesmo tempo o efeito, o suporte, e um dos álibes privilegiados. Ela coincidiu com a tradição falocêntrica que se olha, se satisfaz de si mesma e se felicita (Cixous, 1975, p. 49).

É nesse sentido que *Flor de Gume* expõe o machismo que ainda predomina, que oprime, mas que existe uma resiliência do feminino, que não combate o homem, mas o sexismo e a violência que surge a partir disso. Concomitante a isso, a obra mostra a força da ancestralidade no esforço de resistir a tudo isso, com a força da avó e da mãe para com as filhas e netas.

#### 4. Considerações Finais

Ao analisarmos e identificarmos a violência e a ancestralidade na obra *Flor de Gume* de Monique Malcher (2020), passamos a contextualizar como a autora demonstra a questão da violência contra a mulher a partir da figura masculina, violência doméstica, entre outras, além do elemento ancestral, muito comum na Amazônia vindo dos povos originários.

*Flor de gume* não é apenas um livro de contos que narra a vidas de mulheres, mas sim um catálogo de memórias de um universo do feminino no contexto amazônico em que a violência simbólica e física acontece como em qualquer parte do planeta, porém nos confins da grande floresta, nos parece que as leis e os direitos humanos seguem mais lentos.

A partir das histórias ficcionalizadas nos contos, muitas mulheres que tiveram acesso a obra, em algum momento e em algum contexto, vão se identificar com as personagens do livro. Poderíamos nos perguntar se essa seria a questão básica de muitas mulheres que já passaram por todo tipo de violência representada pela obra. Desse modo, nos questionamos, até onde pode chegar as dores e os traumas de uma mulher?

Esse livro se apresenta como um conjunto de histórias de ficção narrados por uma autora que sentiu na pele a violência contra a mulher, em sua infância e adolescência, mas que se ressignificou por meio de sua resistência e resiliência. A autora elenca o sofrimento de muitas mulheres, vítimas do machismo em um cenário em que se encontra o rio e a floresta.

O amor, a violência, a culpa e a vontade de renascer transbordam nesses contos, bem como a ancestralidade que aparece como a transmissão dos saberes das mais velhas para as outras gerações.

*Flor de Gume* é um livro que possui uma escrita criativa ao reunir 37 contos divididos em 3 partes. A autora é ousada, no sentido de combinar ficção em seu formato textual quase como um romance, onde surgem alguns personagens com suas histórias. Porém, os contos funcionam sozinhos e ao mesmo tempo interligados.

Vale ressaltar que as personagens femininas em *Flor de Gume* não são vítimas, mas estão em situação de violência, o que são argumentos diferentes. Nenhuma mulher é totalmente passiva à violência que recebe de alguma forma,

pois todas as mulheres possuem alguma estratégia de reação, até mesmo o silêncio pode ser considerado uma estratégia contra o agressor.

Todos os contos marcam gerações e percorrem a temática da violência e da ancestralidade, compondo essa flor que corta porque precisa, pois, a flor de gume ao mesmo tempo em que floresce e cresce, resiste às intempéries do meio. Assim, foi mostrado nos contos que as mulheres precisam resistir ao patriarcado que impõe, histórico e culturalmente um *modus operandi* do machismo em que o corpo feminino possui as regras estabelecidas sob o parâmetro masculino.

## 5. Referências

ALVES, C. M. **A constituição da subjetividade feminina no processo de valorização das mulheres em Camadas das memórias em lágrimas, de Monique Malcher.** Belém: Revista Sentidos da Cultura, v. 10, n. 18, 2023.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1991.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade.** Rev. Mal-Estar Subj. v.7, n. 2, 2007.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática – precedido de três estudos sobre etnologia cabila.** Oeiras: Celta, 2002.

CASTILHO, L. H. M.; FURTADO, R. F.; OLIVEIRA, K. L. C. **Entre Rios, Barcos e Redes: Um Estudo Do Conto “Boca De Lobo”, De Monique Malcher.** DARANDINA, Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários – UFJF, v. 16, n. 2, 2023.

CIXOUS, H. **O Riso da Medusa.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 1975.

DA MATTA, R. **Ensaio de antropologia estrutural.** Petrópolis, Vozes, 1973.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto.** 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KLINNEBERG, O. **Psicologia social.** 6. ed. trad. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1972.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das**

- mulheres pelos homens.** Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOUREIRO, J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- MALCHER, M. **Flor de Gume.** São Paulo: Pólen, 2020.
- OLIVEIRA, E. D. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 18, p. 28-47, 2012.
- OLIVEIRA, E. D. **A Ancestralidade na Encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada.** Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.
- PIEIDADE, V. **Dororidade.** Coleção Conceitos – São Paulo: Editora Nós, 2017.
- RODRIGUES, C.O **Tabu do Corpo.** Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, 1979.
- RODRIGUES, R. N. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.
- SALLES, V. **O negro no Pará.** Rio de Janeiro: Convenho Fundação Getúlio Vargas e Universidade Federal do Pará – Coleção Amazônia, Série José Veríssimo, 1971.
- SANTOS, P. R. A.; BISPO, S. M. **Nas águas do oceano: a memória, a ancestralidade e a representação identitária em Maréia.** Revista de Letras, v. 4, n. 1, 2022.
- SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P (org). **Epistemologias do sul.** Biblioteca N. de Portugal: Edições Almedinas, 2009.